

A REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA NA TRANSFERÊNCIA DO CONCÍLIO

1. A tensão interna do Concílio. — 2. As circunstâncias da transferência de Trento para Bolonha. — 3. Dom Limpo com os Imperiais. — 4. Dom Limpo separado dos Imperiais e finalmente em Bolonha. — 5. Conclusão.

1. A tensão interna do Concílio

A natural tensão, que sempre existiu entre o Sacerdócio e o Império, tem um quê de trágico e desnorteante nas relações entre os seus representantes no segundo quartel do século dezasseis.

Ambos, o Papa e o Imperador, eram animados de um e mesmo desejo: defender o catolicismo. Os seus modos de agir, porém, diferiam profundamente, segundo a visão de cada um. Paulo III, reconhecendo que a Igreja falhara em muitos pontos, principalmente por não se ter reformado a tempo, decidiu reformá-la por meio de um Concílio que congregasse os Pastores e os Teólogos mais ilustres de todas as nações e fosse celebrado num lugar de fácil e convidativo acesso aos Alemães. O Concílio reuniu-se, vencidos os inúmeros obstáculos pela tenaz insistência do grande Papa, e os seus membros resolveram fazer um trabalho duplo em cada Sessão: 1) definição clara e exacta da doutrina, já que tantos erros dimanaram da obscuridade que na teologia impedia a nítida e positiva exposição das verdades reveladas; 2) tolher os numerosos e grandes abusos que deturpavam a vida católica, sob a conivência de seus chefes, tanto leigos como sagrados. O Papa que o convocara, também o protegia contra as conspirações curiais, dobrando-se ao mesmo tempo, com sublime humildade, às sugestões que recebia dos Conciliares para a reforma do próprio ambiente e Senado, a Cúria e os Cardeais.

Carlos V, o último dos grandes Imperadores da Cristandade, mas já representante da política moderna, via a possibilidade de o império não continuar na estreita união de todos os Cristãos, mas atingir uma hegemonia que se conservasse por um sábio equilíbrio entre as diversas nações do continente europeu.

De modo análogo considerava possível restaurar a união rompida na Alemanha pelas divergências religiosas entre católicos e luteranos. Devia ser viável um acordo religioso, entre Católicos e Dissidentes, ainda em matéria de dogma. Por isso via de maus olhos que o Concílio se enveredasse no caminho das decisões doutrinárias, apesar da desesperada resistência dos Prelados Imperiais, que tentavam, em vão, todos os meios de obstrução.

Sob esta luz devemos considerar a luta que irrompeu entre os Conciliares, por ocasião da transferência do Concílio de Trento para Bolonha, transferência essa que ia subtrair o Concílio à influência de Carlos V e colocá-lo mais sob a dependência do Papa; essa luta estava prenhe das gravíssimas consequências, que perturbariam todo o período bolonhês do Concílio, provocando finalmente a sua suspensão.

2. As circunstâncias da transferência

A calma, que reinava quando se realizou a Sétima Sessão com a promulgação dos primeiros cânones sacramentais e o segundo decreto sobre a residência e os benefícios, não fazia prever a mudança que tão abruptamente ia interromper o andamento finalmente regular dos trabalhos conciliares.

Os princípios fundamentais para o combate aos erros protestantes estavam estabelecidos, bem como lançada a primeira pedra da restauração eclesiástica. Com justo orgulho Dom Coriolano, Bispo de São Marcos, escreveu na sua oração, que devia dirigir aos Padres nessa magna solenidade da Sétima Sessão: *“Templum quod ruerat iam vel parum aberat a ruina, egregie fulxistis, minas lapsumque parietum firmastis . . . Exortou-os a continuarem firmes e decididos, sem receio de aflições e trabalhos: “Non etiam (si res sic egerit) moriemini? Rapi in triumphum ante vestros oculos diutius tollerabitis? Plus poterit tenebrarum gladius, quam lucis? . (1).*

Essas palavras encerravam um desafio trágico. No momento mesmo em que os Padres Conciliares consideravam mais afastadas as ameaças que desde o início pairavam sobre a existência do Concílio; no momento mesmo em que os Legados Pontifícios, encerrando a Sétima Sessão, marcavam a oitava para o dia 21 de abril, neste mesmo momento Deus já permitira que a Sessão celebrada fosse a última a promulgar

(1) C. T. V, pp. 1001-1004. A oração não foi proferida, devido à rouquidão da voz do eminente pregador, que na última hora teve que desistir.

definições e reformas sob o Papa Paulo III, que tivera a coragem e a constância necessária para conseguir a realização do Concílio. O encerramento da Sétima Sessão foi também o encerramento do Concílio de Paulo III.

Três dias depois da Sessão, a 6 de março de 1547, os Padres Conciliares receberam o catálogo dos artigos sobre a Eucaristia, já examinados e qualificados pelos teólogos nas suas reuniões (1). No mesmo dia, à hora crepuscular, morreu Dom Henrique Loffredo, Bispo de Capaccio, vitimado por uma doença contagiosa, a febre escarlatina, que então grassava em Trento (2).

Segundo as cartas dos Legados Pontifícios, havia entre eles várias pessoas atacadas por essa doença; elas indicam concretamente os casos, ajuntando que o número dos mortos na cidade aumentava diariamente, e que não se tocavam mais os sinos afim de não assustar os Conciliares (3). Ao mesmo tempo escreveu o "Podestà" de Trento, Pietro Foscheri, que não havia nenhum perigo, e que apenas duas pessoas morreram em consequência da tal doença (4).

Significativa parece a atitude do Cardeal Madruzzo, Bispo de Trento e um dos grandes expoentes da política imperial no Concílio. Muito conscienciosamente o primeiro Legado Pontifício, o Cardeal João Maria de Monte, confiou o exame da situação ao médico do Concílio, Girolamo Frascatore, recomendado por Madruzzo e uma das sumidades médicas do tempo, e a seu próprio médico Balduino Balduini. Os dois fizeram os seus depoimentos na Congregação Geral de 9 de março (5). Ora, já antes dessa reunião, certamente informado por Frascatore, Madruzzo abandonara Trento!

Os depoimentos atestaram a seriedade do caso: analisando os sintomas da doença, concluíram que era a "febre lenticular", contagiosa e fatal em muitos casos, do género de peste. Por conseguinte, seria prudente sair de Trento.

Interrogados os Padres Conciliares, o Cardeal Pacheco, a primeira figura dos Imperiais, contestou as afirmações dos médicos. Se fosse

(1) C. T. V, pp. 1007-1008.

(2) C. T. V, p. 1008.

(3) Os Legados ao Card. Alexandre Farnésio, 11, 12-III-1547; Os Legados ao Núncio Verallo, 11-III-1547; Nuntiaturberichte, IX, pp. 651-652.

(4) Foscheri ao Duque de Ferrara, 12-III-1547: "Quanto sia al morbo delle petechie, la mera verità è questa che in Trento sono morte solamente due persone di questo male et al presente ne sono amellate circa di dieci o undeci, delli quali si tiene che non morrirà se non uno o doi, perchè gl' altri sono meglioati... Nuntiaturberichte, IX, p. 656.

(5) C. T. V, pp. 1013-1015.

realmente peste, o Concílio devia transferir-se para outro lugar mais seguro. Não constava, porém, a natureza pestífera da doença. Além do que seria necessário consultar primeiro o Papa, e levar bem em consideração o desagrado do Imperador. Todos os Imperiais apoiaram o seu chefe. Também Dom Baltasar Limpo achou precipitada a questão. Não gostaria fosse dissolvido ou suspenso, como alguns queriam. Em caso de peste, seria necessário transferir o Concílio; por ora, porém, julgava inútil discutir sobre o futuro lugar. Que os Padres primeiro pensassem bem e consultassem aqueles que deviam ser consultados sobre esta questão (1).

No dia seguinte (2), o Cardeal de Monte queixou-se do êxodo contínuo dos Bispos, que saíam de Trento sem licença e até contra as ordens expressas. Comunicou o resultado dos votos: a grande maioria estava a favor de sair de Trento. Devia ser escolhido o lugar que fosse mais apto para a continuação do Concílio e não muito distante de Trento, afim de não dificultar o acesso dos Alemães. Sugeriu Bolonha.

A maioria concordou, apesar dos protestos do grupo imperial. Dom Frei Limpo insistiu novamente em que o caso fosse examinado mais escrupulosamente, porque não estava convencido da gravidade da doença. Em todo caso seria mais aconselhável uma transferência do que uma suspensão do Concílio (3).

Das palavras dos Legados, pronunciadas no início e no fim da reunião, podemos perceber claramente que havia ainda outros motivos que impunham a transferência do Concílio. Naturalmente a tensão existente entre o Papa e o Imperador, o grupo italiano e o grupo espanhol, as demais circunstâncias da situação política que não aconselhavam uma vizinhança demasiadamente próxima da Alemanha (4), e, para o momento, o pânico que ameaçava desintegrar o Concílio. Mesmo não considerando séria a doença, que indubitavelmente grassava em Trento, sério era o pânico dos Padres e teólogos conciliares, pânico talvez subconscientemente agravado e intensificado pela disposição psicológica de quase todos: o desejo de sair de Trento, cujo clima inclemente assolava os ânimos, deprimindo-os, e que fez com que vários saíssem do lugar, já antes da morte do Bispo de Capaccio, por medo da doença que ao menos parecia contagiosa e perigosa.

No dia 11 de março de 1547, na Oitava Sessão do Concílio, foi tomada a decisão de transferi-lo para Bolonha, após a leitura de um

(1) C. T. V, p. 1016.

(2) C. T. V, pp. 1018-1024.

(3) C. T. V, p. 1020.

(4) Pastor, Geschichte de Papste, V (1 4 1909), pp. 574 585; 598-600; 607-609.

inquérito de 14 pontos, realizado por Severoli, Promotor do Concílio. Nove pessoas (dois religiosos, dois comerciantes, dois industriais e uma mulher) depunham nele sobre a situação em Trento, achando a grave em geral, mas podendo fornecer apenas poucos pormenores mais positivos (1). Todos falavam e boatavam, espalhando ainda mais o pânico.

Depois da leitura do inquérito foi votado o decreto da transferência. Dom Frei Baltasar Limpo declarou se neutro; por ele o Concílio podia continuar em Trento, ou ser transferido para outro lugar, contanto que os Padres Conciliares guardassem a boa harmonia (2). A maioria aceitou a transferência (3), não obstante o protesto dos Imperiais (4), que reclamavam a necessidade de consultar o Papa. Diante disso os Legados mostraram duas Bulas Pontifícias, que os autorizavam a transferir o Concílio, e mesmo a dissolvê-lo, quando lhes parecesse necessário. Possuíam-nas desde 22 de fevereiro de 1545 (5). Em virtude dessas Bulas e com o consentimento da grande maioria dos Padres Conciliares, foi decretada então a transferência, e todos ficaram intimados a comparecer à próxima Sessão em Bolonha, marcada para o dia 21 de abril. Com isso ficava interdito qualquer acto conciliar em Trento (6), por parte dos que não seguissem a decisão da maioria.

(1) C. T. V, pp. 1025-1036.

(2) C. T. V, p. 1034.

(3) C. T. V, p. 1035, adn. 3 observa: "Ph. Labbé, Concilia 14, 787, editio altera, 20, 62-63, quem sequitur Le Plat, Canones et Decreta 81-82, recenset 18 patres, qui non consensuerunt in translationem Concilii; qui tamen index nulla Messarelli vel acturum auctoritate fulcitur, sed dubio procul a parte translationi adversanti datus est. Praeter enim illos 14, quibus aperte non placuit translatio, numerati sunt etiam episcopi Senogalliensis, Portuensis, Mirapicensis sive Agathensis, Aquinatensis, quorum vota, prout supra apparet, nec uni nec alteri parti simpliciter tribui poterant. Verior igitur est summa votorum per ipsum primum praesidentem exhibita. — A mencionada relação dos votos, feita pelo próprio presidente, é a que segue (adn. 4, ibidem): "14, quibus simpliciter displicet, inter quos sunt aliqui, quibus non placet ex eo, quia non constat eis de voluntate Summi Pontificis, neque de auctoritate nostra quoad hunc effectum. 38, quibus simpliciter placet, si causae verae sunt. Uni placet utrumque, id est mansio et translatio. Uni non liquet. Uni placet, si causae verae sunt. Uni placet si nos diceremus, placere Sanctissimo D. N. Unus est infirmus, cui placet, et habemus eius votum in scriptis. . .

(4) Assim, por exemplo, provocou grande indignação a tentativa do Cardeal Pacheco de obrigar um Bispo a pronunciar-se mais claramente sobre a conveniência de transferir ou não o Concílio. Cf. C. T. I, p. 144.

(5) C. T. IV, pp. 395-396.

(6) Pacheco a Carlos V, 11-III-1547: C. T. XI, pp. 117-118: "... Mandaron a todos los perlados que para el dia dela session que se hara a 21 de abril, todos fuessem em Bolonia y que aqui no se hiziesse acto ninguno de cosa que tocasse al concilio so las penas en la bula contenidas, porque dan a entender que temem mucho quedarse aqui algunos perlados. . . .

3. Dom Limpo com os Imperiais

A história do Concílio mostra-nos como Dom Frei Baltasar Limpo, desde a sua chegada a Trento, se uniu aos Prelados espanhóis, por ordem de seu Rei, e também porque estes tinham os mesmos pontos de vista sobre a Reforma e a Cúria Romana. Nas primeiras consultas sobre a transferência associou-se de alguma maneira aos Imperiais, exigindo verificação mais completa e exacta da natureza pestilenta do morbo que prostrava os tridentinos. No momento decisivo guardou neutralidade. Agora que caíra a decisão, Dom Frei Limpo mostrou-se pronto para obedecer às ordens expressas dos Legados Pontifícios e começou a fazer as malas, se bem que o grupo espanhol estivesse firmemente decidido a não se arredar de Trento, afim de não incorrer as iras do Imperador (1).

Estava em Trento, igualmente como Conciliar, Dom Luís Lippomano, Bispo Coadjutor de Verona e antigo Núncio Apostólico em Portugal. Certamente por essa circunstância, e ainda afim de não perder a nação portuguesa no Concílio, Dom Luis interessou-se por Dom Frei Baltasar e os três teólogos portugueses, oferecendo-lhes passagem na barca que alugara para Verona (2). Estes gostosamente aceitaram o amável e oportuno convite do antigo Núncio. A partida estava marcada para sábado, 12 de março; a pedido, porém, de Dom Limpo, ela foi adiada até domingo. Antes não houvessem feito isto! Quando tudo estava pronto e a bagagem já embarcada, Dom Baltasar foi fazer uma visita de cortesia ao Cardeal Pacheco, afim de despedir-se deste. Aí encontrou todos os Prelados espanhóis reunidos em conselho, examinando a situação. Eles começaram logo a criticar acerbamente tanto o voto de Limpo na transferência do Concílio, como a sua resolução de partir para Bolonha. Objurgavam que isso não era servir a sua Majestade Imperial e tão pouco ao próprio Rei, que era tão grande amigo

(1) C. T. V, p. 1037; e ainda a carta de Pacheco a Carlos V, citada na nota precedente: "... Lcs qui a qui quedamos somos los Españoles...". A carta é escrita na data da transferência do Concílio.

(2) Lippomano a Bernardino de Santa Cruz, Bispo de Casal Monferrato, 16-III-1547: C. T. XI, pp. 136-137: "... Hora essendo occorsa la translatione del concilio in Bologna, fatta con somma prudentia delli Sri legati, et ottima voluntà de buoni prelati servitori di S. Stà, io che sempre ho atteso, che il Serenissimo Re di Portogallo con tutto il suo regno fosse obedientissimo a S. Stà, desiderava levar' di Trento quel vescovo Portugheze insieme con li 3 frati mandati alias da quel re al concilio et menarli tutti meco a Bologna, et haveva già posto ordine' che le loro persone venissero meco, et le robbe andassero con le mie in una zaffara, la quale haveà pigliato per Verona...".

e parente do Imperador. Já haviam mandado o voto dele ao Imperador, de modo que este podia ver agora quão bem era servido dele. E assim lhe foram repreendendo mil outras coisas. Tanto fizeram, e tanto insistiram, que não partisse e tirasse a bagagem da barca, que, acabrunhado, cedeu diante das ameaças de que tudo seria comunicado ao Rei (1).

Na mesma hora ainda Limpo foi procurar Dom Luís Lippomano. Eis como este descreveu a entrevista: "...veio ele a minha casa, acompanhado dos frades e, decerto com grandíssima dor, porque é verdadeiramente um homem de bem e de boas intenções, contou-me sob segredo todas as coisas que lhe sucederam. Eu então lhe disse o que me ditava a consciência: que não ficasse com aqueles espanhóis cismáticos e acéfalos, pois ele viera ao Concílio não para servir ao Imperador, mas a Deus e ao Papa, Chefe dele e de todos nós. Tanto mais por ele ser tão douto e religioso: agindo assim, serviria ao Rei que era tão obedientíssimo à Santa Sé. Que sua Majestade ficaria muito descontente e com grande desagrado, se houvesse de ouvir que o seu único Prelado no Concílio abandonara a causa dos Legados da Sua Santidade e da maioria dos Padres Conciliares, unindo-se aos que queriam ver e causar a subversão da Igreja de Deus." (2).

Avisou-lhe ainda o antigo Núncio de Portugal que os Espanhóis o iam segurar tanto que já não o deixariam partir. E mesmo na hipótese que o deixassem ir, não lhe seria mais possível passar pelos domínios da Veneza, que seriam certamente fechados assim que recebessem a notícia da transferência do Concílio por causa de uma doença contagiosa. Como de facto aconteceu (3).

Não houve meio de mudar a resolução de Dom Limpo. Embora reconhecesse justas e ponderosas as razões alegadas por Lippomano, estava tão impressionado pelas ameaças que lhe fizeram os imperiais, e com tanto medo de incorrer na desgraça do Rei, que não teve coragem de embarcar e sair de Trento. E assim, os portugueses mandaram tirar a bagagem do navio, e Dom Lippomano partiu logo depois, sem eles. Teve este ainda a gentileza de deixar ordens expressas de os auxiliar em tudo, caso resolvessem deixar Trento. Além disso, preparou-lhes hospedagem em Pádua e Veneza, posto que considerasse como certo que

(1) Ibid. Ibid.: "... gli furono tanto a torno che non partisse, et che mandasse a scaricare le robbe giù dalla zattara, che il povero homo fu costretto farlo, minaciandolo etiam che scrivertano el re et fariano et diriano...".

(2) C. T. XI, pp. 136-137.

(3) C. T. XI, p. 134, adn. 7: "... la Señoria de Venecia ha pregonado por todas sus tierras, que ninguno de Trento le dexen estar ni pasar por ellas...".

Dom Limpo ia esperar a resposta do Imperador e fazer o que fizessem os espanhóis (1).

No dia seguinte, 13 de março, o Cardeal Pacheco escreveu a Carlos V: "O bispo do Porto, português, que aqui veio com três teólogos da Ordem dos Dominicanos, esteve hoje aqui, dizendo-me que, por ordem do Rei, se devia juntar aos Imperiais, e que assim o fazia, e que Vossa Majestade lhe ordenasse o que devia fazer. Ele é douto e muito bom homem (2).

4. Dom Limpo separado dos Imperiais, e finalmente em Bolonha

Pouco tempo, porém, Dom Baltasar Limpo se demorou em Trento, pois um facto inesperado lhe veio transtornar, mais uma vez, os planos. Antes que pudesse vir a resposta de seu Rei, desfazendo o problema em que se debatia, se se devia unir aos Conciliares em Bolonha ou ficar com os Imperiais em Trento, em protesto contra a transferência, morreu-lhe um criado, após três dias de doença, atacado pela febre "tridentina". Desta vez, Dom Limpo ficou bem convencido do carácter perigoso da doença; ao menos não esperou outra prova, fugindo de Trento imediatamente, todo desnortado pelo perigo por que passara (3).

O caso foi, naturalmente, bem explorado pelos adeptos da transferência, para os quais a fuga de Limpo passou a ser a maior prova da legitimidade da transferência e da veracidade da causa alegada (4). Quando Carlos V furiosamente criticava o decreto do Concílio e não quis acreditar que alguém houvesse morrido antes ou depois da saída dos Padres Conciliares, e nem mesmo que houvesse alguma doença, considerando tudo como invenção habilíssima de Cervini, o Núncio Verallo observou lhe que o caso de Dom Limpo provava claramente

(1) Lippomano a Bernardino de Santa Cruz, Bispo de Casal Monferrato, 16 III-1547: C. T. XI, pp. 136-137.

(2) Card. Pacheco a Carlos V, 13-III-1547: C. T. XI, p. 134.

(3) "... dopo la morte de quel suo servitore partì subito di Trento molto sbigottito...": C. T. XI, p. 156; cf. ainda p. 161.

(4) Cf. por exemplo a carta do Card. Cervini a Mons. Bernardino Maffei, secretário particular do Card. Alexandre Farnésio, 29-III-1547: C. T. XI, pp. 155-156; a carta do Card. Alexandre Farnésio a João Poggi, Núncio Apostólico na Alemanha, 5-IV-1547: C. T. XI, p. 161.

a verdade dos factos. O Imperador ficou atrapalhado, sem saber o que responder, depois repetiu que não podia ser verdade e que Cervini soube arrumar muito bem as coisas (1).

Vê-se, por conseguinte, que o comportamento de Dom Limpo, em última análise, e sem ele o querer, não favoreceu muito a causa imperial.

A data certa desta ocorrência não consta. No dia 29 de março, Cervini, o segundo Legado Pontifício do Concílio, respondendo a uma carta de Bernardino Maffei que lhe enviara uma carta para Limpo do Orador português Baltasar Faria com a ordem que fosse para Bolonha (2), escreveu que Limpo saíra de Trento para Pádua (3). No dia seguinte, porém, os Legados enviaram essa carta, de Faria a Limpo, ao Núncio em Veneza, certamente porque ulteriores informações indicaram que Dom Limpo já devia estar lá (4). Assim estimamos que o caso se haja dado nos primeiros dez dias depois da transferência do Concílio.

Em Veneza, Dom Baltasar Limpo ficou esperando as ordens do Rei, e mesmo depois de as ter recebido não se apressou em unir-se ao Concílio. A sua adesão, que simbolizava a adesão duma nação, era disputada por Pontifícios e Imperiais. Na segunda metade de abril, o Bispo de Badajoz, Dom Francisco de Navarra, que fora a Veneza afim de tratar da saúde, tentou convencer Dom Limpo de que tornasse a Trento (5). Em princípios de maio, o próprio Santo Padre enviou-lhe um Breve, persuadindo-o que fosse para Bolonha. Dom Baltasar ficou tão sensibilizado com essa lembrança que se prontificou imediatamente para atender a esse desejo. O orador espanhol, Francisco de Toledo, não o perdia, porém, de vista: escreveu-lhe logo e enviou uma pessoa que fosse falar com ele, o retirasse dessa resolução e trouxesse para Trento (6).

Dos teólogos portugueses, um estava em Bolonha, Frei Jorge de Santiago, e até parece que foi por um mal entendido. Pois no dia 25 de abril escreveu ao Rei: "Eu cheguei aqui no dia da Sessão, à tarde, e não quis vir antes por não estar presente, por parecer convir assim mais ao serviço de Vossa Alteza. Ainda que isto não importava muito, todavia quis mostrar-me neutro e não ficar fora nem bem dentro. Especialmente porque os companheiros não haviam vindo e cá dizia-se

(1) Cf. Verallo ao Card. Alexandre Farnésio, 14-IV-1547: *Nuntiaturberichte*, IX, pp. 536-542; Verallo aos Legados, 23-IV-1547: C. T. XI, pp. 178-179.

(2) C. T. XI, p. 151.

(3) C. T. XI, pp. 155-156.

(4) C. T. I, p. 634.

(5) O Orador Toledo a Carlos V, 29-IV-1547: C. T. XI, p. 187.

(6) O Orador Toledo a Carlos, 11-V-1547: C. T. XI, p. 201.

que eles estavam ainda em Trento, do qual havia admiração e desgosto. Logo o dia seguinte fui a visitar os Legados e me receberam humanissimamente, e escusei o Bispo e os companheiros... (1).

Mais ou menos ao mesmo tempo, os outros dois saíram de Trento, dirigindo-se para Veneza, onde ficaram com Dom Baltasar, informou ainda Frei Jorge. De lá escreveram uma carta interessante ao Rei, a 11 de julho, explicando porque não se apressavam muito em se dirigir para Bolonha, não obstante a ordem real, que finalmente chegara e já antes de 18 de junho. Vejamos a carta: Senhor.

A 18 de junho escrevemos a Vossa Alteza, beijando-lhe as mãos pela provisão que nos havia mandado e como, não obstante o pouco que no Concílio se fazia, nos determinávamos ir a Bolonha por cumprir o que Vossa Alteza nos mandava... E assim nos partíramos logo, se não fora por esperar o Bispo do Porto, que tinha entre as mãos certos negócios de muito serviço de Vossa Alteza... E também não nos apressamos mais por ver que na tardança se não corria nenhum perigo, visto que em Bolonha se não fazia nada e se dava licença a muitos Bispos para ir a folgar. Todavia já agora nos parece, façam ou não façam, que não é tempo de mais dilatar de pôr em execução o mandado de Vossa Alteza. E assim, prazendo a Deus, para a semana que vem sere-mos em Bolonha... (2).

De facto, os dois partiram de Veneza e, a 8 de agosto, Frei Jerónimo fala na reunião dos teólogos, e Frei Gaspar na semana seguinte (3).

Dom Frei Baltasar Limpo não acompanhou os teólogos. O Cardeal Cervini pensava que estivesse procrastinando a sua ida para Bolonha por causa dos rumores que abundantes se espalhavam, que o Concílio breve voltaria para Trento (4). Uma carta de Frei Jerónimo (5) parece confirmar essa opinião, pois, escrevendo ao Rei, explicou: "o bispo houvera de vir connosco e depois por algumas cartas... lhe aconselharam que não viesse, e se deteve em Veneza... Nesta carta justificou ainda o Bispo, porque realmente as coisas estavam com bastante

(1) Frei Jorge de Santiago ao Rei, 25-IV-1547: *Corpo Dipl. Port.* VI, 136-137.

(2) Frei Jerónimo d'Azambuja e Frei Gaspar dos Reis ao Rei, 11-VII-1547: *Corpo Dipl. Port.* VI, pp. 162-163.

(3) C. T. VI, pp. 343; 369.

(4) Carta do Card. Cervini a Mons. Bernardino Maffei, secretário particular do Card. Alexandre Farnésio, 25-VII-1547: C. T. XI, p. 228.

(5) Frei Jerónimo d'Azambuja ao Rei, 23-VIII-1547: *Corpo Dipl. Port.* XI, pp. 525-526.

dúvida, e também por haver aí muitos doentes (1). Visto, porém, que fora anunciada a próxima chegada de Prelados franceses, ele, Jerónimo, mandara um recado a Dom Frei Baltasar, pedindo que viesse logo para não ser dos últimos. Alguns dias depois, Frei Jerónimo acrescentou num *postscriptum* à mesma carta, que o Cardeal de Monte pedira que avisassem outra vez Dom Frei Baltasar Limpo. E assim, finalmente, no dia 15 de setembro, Dom Baltasar apareceu em Bolonha (2), onde ficou hospedado na casa de um certo Senhor Gaspar "de li arme." (3). Neste dia devia haver uma Sessão Solene; esta, porém, na véspera fora adiada (4).

5. Conclusão

Nessas rápidas pinceladas, seguimos a representação portuguesa no Concílio de Trento, na actuação do único Bispo de Portugal presente na primeira fase daquele grandioso congresso, formado pelos melhores teólogos, canonistas e reformadores, que estabeleceu os princípios da restauração definitiva, embora tardia, do Catolicismo, adaptando-o à nova mentalidade que surgira.

A alta política conciliar, fruto amargo da tensão existente entre o Papa e o Imperador, parece, não estava inteiramente a seu alcance. A sua inteireza de carácter não podia acompanhar as mil voltas da diplomacia. Não via que a política de Carlos V se baseava toda nos princípios, então modernos e novos e recém-sistematizados por Macchiavelli, de restabelecer a união desfeita da Cristandade europeia por meio dum equilíbrio: equilíbrio político na hegemonia da Europa, equilíbrio religioso nas questões dogmáticas e de reforma. E que nessa política o lugar do Concílio era de importância capital, pois significava a influência sobre o seu andamento, ou por parte do Imperador, ou por parte do Papa.

(1) Quanto a esses doentes, cf. ainda a carta de Dom Diego Alaba, Bispo de Astorga, ao Príncipe Filipe, 6.VIII-1547: C. T. XI, p. 233, nota 2: "... en Bolonia están tambien enfermos de numero de obispos tanto que han echo halaja de yr el obispo de Portu y como los Portugueses sean tan honorados por hazer nacion sin aderencia de otra pasan por ello, lo que mas de veras ellos esperan son los Franceses, los quales no bienen y ansi abran de cesar los discursos que en Roma hazen ..

(2) C. T. I, p. 697; IV, p. 440; XI, p. 275.

(3) L. Carcereri, *Storia esterna del concilio di Bologna. Episodio della storia del concilio di Trento*. (Marzo, 1547 — Setembro, 1549). Montevarchi, 1902; p. 65.

(4) C. T. VI, pp. 457-468.

Vindo de um país pacato, naturalmente ligado a seu grande vizinho, o povo espanhol, Dom Frei Baltasar Limpo uniu-se estreitamente aos Prelados Imperiais, que defendiam os mesmos princípios e pontos de vista na Reforma, que ele acalentava em seu coração profundamente sincero e jejum de qualquer maneiio político. Era-lhe alheia a inclinação política ou diplomática.

Quando, na votação sobre a transferência do Concílio, teve que escolher entre o grupo imperial e o grupo pontifício, tentou salvar o Concílio por uma via intermediária, exigindo sim que a situação fosse examinada mais criteriosamente, mas declarando ao mesmo tempo que era melhor transferir do que suspender o Concílio.

Estava pronto a seguir os outros para Bolonha; ficou, porém, em Trento, devido à pressão dos espanhóis que lhe lembravam as instruções recebidas. Separado destes, bem contra a sua vontade, ficou na expectativa, não se podendo decidir entre Bolonha e Trento. Queria a Reforma, e não a considerava possível num Concílio contrário ao Imperador e a seu próprio Rei. Um conflito de consciência, que só pode ser explicado pelo conceito conciliar ibérico. Os últimos Papas, e nomeadamente o último Concílio de Latrão sob Leão X, inspiravam-lhe pouca confiança no êxito da Reforma sem a enérgica cooperação do Imperador. A Península Ibérica merecidamente se gloriava da própria Reforma, e teve que lutar constantemente contra a praxe curial romana, tão larga nas dispensas bem pagas. Um Concílio nas terras do Papa, sem a colaboração do Imperador, não lhe parecia a via indicada para chegar à verdadeira Reforma.

Durante todo o seu tempo conciliar, Dom Frei Baltasar Limpo não seguiu nenhuma política mesquinha de interesse ou de ambição, quer pessoal, quer nacional: seguiu apenas o seu grande ideal — a Reforma. O seu grande, o seu profundo, o seu sincero amor para com a Igreja Católica fazia-o trabalhar indefessamente para esse grande ideal, que foi o móvel único de todas as actividades de sua vida religiosa e episcopal. Por isso estava sempre do lado daqueles em quem julgava descobrir o mesmo ideal.